EIXO TEMÁTICO 1: DOCUMENTAÇÃO

O BRASIL EM BRASÍLIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS ARQUITETOS BRASILEIROS PARA O CURSO DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (1962-1970).

MONTEIRO, AMANDA R. CASÉ (1)
1. Doutora, Universidade de Brasília e arqamandacase@gmail.com

RESUMO

A Universidade de Brasília foi criada com o compromisso com a nação e como colaboradora da nova capital nas suas missões. Seus objetivos eram a oferta de um ensino superior diversificado e modelar, que, aberto a toda juventude brasileira, auxiliaria o Estado, a cidade e seus moradores com uma formação científica e cultural, coerente com os princípios modernistas e progressistas que cunharam a capital. Esses objetivos foram postos em prática por meio dos seus três primeiros cursos, entre eles o de Arquitetura e Urbanismo. O objetivo desse artigo foi, portanto, narrar a história do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB, no período de 1962 a 1970, apresentando-o como um exemplo institucional de busca constante por uma **educação renovadora**, a partir de uma comunidade acadêmica **integrada** por cidadãos de todo país, para formação de profissionais críticos aptos a ajudar o Brasil e seu povo. Como método, além da revisão historiográfica, o texto contou com documentais institucionais, matérias de jornais e entrevistas que proporcionaram a construção de uma narrativa histórica identificando as fases, as inovações didáticas e os atores que colaboraram para a criação do Curso e de sua identidade, corroborando a realização dos objetivos da UnB.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade de Brasília; ensino de arquitetura; educação de arquitetos

BRAZIL IN BRASILIA: THE CONTRIBUTION OF BRAZILIAN ARCHITECTS TO THE ARCHITECTURE COURSE AT THE UNIVERSITY OF BRASÍLIA (1962-1970).

ABSTRACT
The University of Brasília was created with a commitment to the nation and as a collaborator of the new capital in its missions. Its objectives were to offer a diversified and model higher education, which, open to all Brazilian youth, would help the State, the city and its residents with a scientific and cultural education, consistent with the modernist and progressive principles that created the capital. These objectives were put into practice through its first three courses, including Architecture and Urbanism. The objective of this article was, therefore, to narrate the history of the Architecture and Urbanism Course at UnB, from 1962 to 1970, presenting it as an institutional example of a constant search for a renewing education, from an academic community integrated by citizens from all over the country, for the formation of critical professionals able to help Brazil and its people. As a method, in addition to the historiographical review, the text had institutional documents, newspaper articles and interviews that provided the construction of a historical narrative identifying the phases, the didactic innovations and the actors that collaborated for the creation of the Course and its identity, corroborating the achievement of UnB's objectives.

KEYWORDS: University of Brasilia; architecture teaching; architect education.

INTRODUÇÃO

A Universidade de Brasília (UnB) foi criada com o compromisso com a nação e como colaboradora da nova capital nas suas missões. Foram anunciados sete objetivos institucionais, dois se relacionavam com o país e cinco com Brasília (RIBEIRO, 2012). As contribuições da UnB no âmbito nacional seriam a de ampliar as oportunidades formativas à juventude brasileira e diversificá-las. Quanto à capital, a Universidade se constituiria de um núcleo de ensino que atrairia jovens de todo o país contribuindo para a função integradora de Brasília, garantiria que os novos empreendimentos da cidade fossem renovadores como ela, assim como ofereceria o assessoramento técnico-científico necessário aos poderes públicos nela abrigados. Por último, a UnB daria aos moradores de Brasília, uma "perspectiva cultural que a [libertasse] do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo" (RIBEIRO, 2012, p. 20). Com isso, ao ser fundada em 1962, a UnB tinha como atribuições a oferta de um ensino diversificado e modelar, que, aberto a toda população brasileira, auxiliaria o Estado, a cidade e seus moradores com formação científica e cultural, coerente com os princípios modernistas e progressistas que cunharam a capital. Para dar início às suas atividades, a UnB começou com três cursos, entre eles o de Arquitetura e Urbanismo. O que esse artigo apresenta é como a Escola de Arquitetura, desenvolvida na capital modernista do país, alcançou esses objetivos institucionais com a ajuda de vários arquitetos e estudantes brasileiros.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB completou, em 2022, seus 60 anos de atividades. Durante sua trajetória, a historiografia se dedicou, principalmente, a narrar a experiência inicial da escola desenvolvida de 1962 a 1965, que foi interrompida pelas ações da gestão ditatorial militar. O que foi pouco discutido é o que ocorreu após 1965, com a demissão coletiva dos professores. Por isso, esse texto teve um recorte ampliado para discutir de 1962, o ano da fundação do Curso, até 1970, quando a UnB foi adequada à Reforma Universitária e perdeu sua estrutura original. Ao fazer esse percurso se evidenciou a presença de três fases na escola, em que se destacaram três grupos docentes e três práticas pedagógicas, assim como as dificuldades vividas no período. Contudo, o que também se constatou foi a importância dos atores (docentes, discentes e convidados) e dos seus ideais culturais na construção da identidade do Curso.

A partir disso, o objetivo desse artigo foi narrar a história do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB, no período de 1962 a 1970, apresentando-o como um exemplo institucional de busca constante por uma educação renovadora, a partir de uma comunidade acadêmica integrada por cidadãos de todo país, para formação de profissionais críticos aptos a ajudar o Brasil e seu povo. Para descrever essa narrativa, além da revisão da historiografia, o texto contou com fontes documentais, matérias de jornais e entrevistas. Os acervos visitados foram o Arquivo Central da UnB, onde foram fundamentais os documentos do Movimento Estudantil da universidade, e o Conselho Federal da Educação, que possibilitou o acesso a portarias e pareceres do curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Ainda foram utilizados o site da Hemeroteca Digital Brasileira, para consulta às matérias dos jornais Correio Braziliense e do Correio da Manhã, e do Instituto de Arquitetos do Brasil, para investigar a atuação do órgão na escola. Por fim, também foram realizadas (e examinadas) entrevistas com ex-alunos e ex-professores.

A partir dessas fontes e da reconstrução da narrativa histórica foi possível identificar as fases, as inovações didáticas e os atores que colaboraram para a criação do Curso e de sua identidade, corroborando a realização dos objetivos da UnB. Dessa forma, o artigo foi organizado cronologicamente em três capítulos, mais a conclusão. No primeiro capítulo, denominado de Criação do Curso (1962-1965) foram apresentados os princípios fundadores, seu ensino, sua prática e a identificação dos atores com sua contribuição. A mesma metodologia de análise foi adotada nos capítulos seguintes, intitulados de Deformação do Curso (1966-1967) e de Reestruturação do Curso (1968-1970). Especificamente no último capítulo, são descritas a colaboração do IAB e dos seus associados para a reestruturação da escola. Em consequência dessa análise apreendeu-se que o Curso de Arquitetura da UnB foi forjado por clareza de objetivos, determinação dos alunos e pela colaboração de arquitetos de todo país, como um exemplo de renovação do ensino vigente e pelo compromisso de ser um exemplo nacional.

1ª FASE: CRIAÇÃO DO CURSO

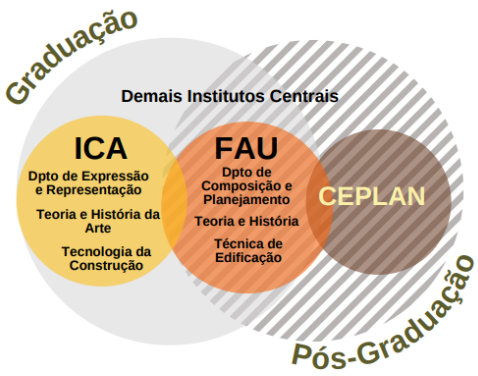
O projeto pedagógico da Universidade de Brasília (UnB) foi iniciado em 1958, por Darcy Ribeiro e, posteriormente, foi desenvolvido com a contribuição de vários intelectuais do país reunidos em associações profissionais e na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (RIBEIRO, 1991). Esse projeto precisou ser defendido para aproveitar a oportunidade oferecida pela capital moderna no planalto central. Após dois anos de articulação política desses intelectuais, o presidente Juscelino Kubitschek foi convencido e, no dia da inauguração de Brasília, enviou a lei de criação da Fundação Universidade de Brasília (FUB, SALMERON, 2012). A UnB foi condicionada a muitos compromissos para com o Estado e a nova capital, assumindo uma dupla vocação, a política e a científica (CHAUÍ, 2001). A UnB (1962), por meio dos seus objetivos institucionais, declarava seu vínculo teórico a uma política progressista, desenvolvimentista, nacionalista e democrática. Cientificamente, a instituição comprometia-se em inovar o modelo de ensino superior brasileiro, modernizar as práticas educativas e assessorar o Estado, tornando-se o centro científico e cultural que sustentava a missão da cidade-capital.

A Universidade foi planejada em 1 ano e oito meses até a aprovação da Lei nº 3.998, em dezembro de 1961, autorizando a criação da FUB (BRASIL, 1961). Em janeiro de 1962, o Conselho Diretor da FUB tomava posse. Após dez dias de trabalho, os conselheiros divulgavam a impressa a realização do primeiro vestibular da instituição (UNIVERSIDADE DO DF, 1962). Um dos três cursos ofertados, que deram início as atividades da instituição, foi o de Arquitetura e Urbanismo. Após o mês de fevereiro de seleção, as aulas iniciaram em abril. Mas os únicos a começarem seu curso no campus em construção, foram os estudantes de Arquitetura. As dificuldades e oportunidades vividas em ter aula em um canteiro de obras fez com que esse grupo pioneiro criasse um forte vínculo comunitário, tanto que foram os primeiros que inauguraram a ação estudantil na universidade. No dia 2 de junho, menos de um mês de aulas, foi fundado o Diretório Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo, o DACAU (JEAN,1962a).

Esses estudantes tiveram acesso a um ensino que se pretendia reformador dos modelos das Belas Artes e da Politécnica ainda vigentes no país. No primeiro ano de atividade, “praticamente todos os cursos da Universidade eram diretrizes”, não havia um currículo rígido, a instituição “era um grande centro de pesquisa” (CHAVES, 2019). Segundo o coordenador do Curso de Arquitetura, Alcides da Rocha Miranda (1983), e seu primeiro professor Edgar Graeff (1995), a organização do curso tomou partido das experiências docentes, da participação em eventos do campo profissional e do aporte pedagógico da Bauhaus. O curso foi composto de maneira simples, devido à escassez de recursos, a partir do conceito do arquiteto como simples artista, um artesão. A ideia era que os estudantes entrassem como “praticantes de Arquitetura”, ajudando a carregar as pedras, para depois talhar esculturas, até, enfim, fazer Arquitetura (MIRANDA, 1983, apud ALMEIDA, 2017, p.112). Já Graeff (1995, p. 45) detalhou que o “realmente novo na experiência de Brasília residiu na tentativa de instalar um curso radicalmente diferente, tanto no plano do sistema curricular como no da metodologia de abordagem das matérias”.

Foi identificado cinco diferenciais do Curso, eram eles: sua estrutura acadêmica e composição curricular, provenientes do modelo proposto pela UnB, o perfil e a didática do corpo docente e o tipo de alunos ingressantes. Quanto a sua estrutura, o Curso foi organizado em graduação e pós-graduação. A partir da figura 1 ao lado, é possível compreender que a graduação se constituía de duas unidades acadêmicas: o Instituto Central de Artes (ICA) e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). A pós-graduação também possuía dois espaços formativos, a FAU, onde atuavam como instrutores e o Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanismo da UnB (CEPLAN), trabalhando como arquitetos colaboradores. Além de conceder treinamento a jovens arquitetos, o CEPLAN tinha como objetivo principal elaborar os projetos de todas as edificações do campus (UnB, 1962b). Contudo, é importante esclarecer que a contribuição do CEPLAN no ensino da graduação foi somente por meio do exercício docente dos mestrandos.

Figura 1: Organização acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB (1962-1965)



Fonte: A autora (2022).

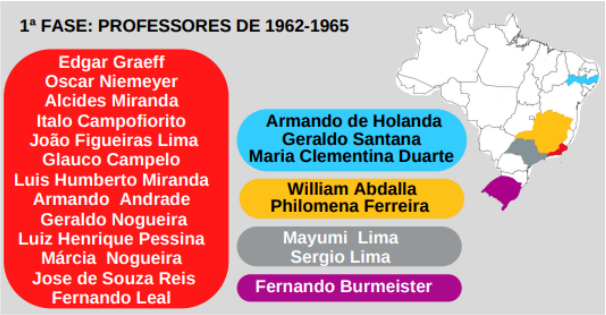
Ao adentrar no Curso de Arquitetura, o estudante permaneceria por dois anos no ICA, cursando o ciclo básico. O básico era composto por disciplinas de formação e de integração. As matérias de formação eram introdutórias a profissão escolhida, eram ministradas no ICA, nas áreas de Teoria e História da Arte, Tecnologia e de Desenho e Representação. As de integração destinavam-se a elevar o nível cultural dos universitários e era disponibilizadas nos demais Institutos da Universidade. Com isso, a UnB tinha o objetivo de possibilitar uma diversidade de experiência formativa, para que o aluno escolhesse sua profissão, mais maduro e após compreender o ensino superior. No ciclo básico, o aprendiz escolhia, semestralmente, até 4 disciplinas de formação e, no mínimo, 1 de integração. Após dois anos, para se profissionalizar, o discente precisava apresentar aprovação em, pelo menos, 12 disciplinas do básico, sendo 8 de formação e 4 de integração (UnB,1962a). Mas, um dos importantes diferenciais do curso era que "tinham formalmente aulas e não formalmente os estúdios e ateliês" que os alunos frequentavam (CHAVES, 2019). Com a presença de muitos artistas no corpo docente e como prerrogativa de uma dedicação exclusiva, os professores montaram espaços de trabalho colaborativo de artes, possibilitando aos alunos o contato direto com o saber fazer artesanal dos mestres.

Concluído o ciclo básico, o estudante poderia escolher se profissionalizar nas artes, na arquitetura e ainda se dedicar a uma carreira como educador e pesquisador. Decidindo tornar-se arquiteto, na FAU, o aprendiz cursaria as disciplinas obrigatórias do Currículo Mínimo (BRASIL, 1962), organizadas em Composição e Planejamento, Técnica de Edificação e Teoria e História, e pelo menos uma de Complementação. A disciplina Complementar tinha o objetivo de conceder especializações dentro do próprio curso. Para concluir o curso de Arquitetura, semestralmente, o estudante cursava 3 disciplinas formativas, do currículo mínimo, e 1 de Complementação, totalizando 18 conteúdos formativos e 6 complementares (MAURÍCIO, 1964). De acordo com o arquiteto Glauco Campello (1983), professor atuante entre 1963 e 1965, o Departamento de Planejamento tinha como premissas a indissociação entre Arquitetura e Urbanismo, e as pesquisa e prática na concepção projetual. Contudo, a profissionalização foi inaugurada em 1963 e já sofreu duras intervenções no ano seguinte.

Especificamente sobre as contribuições do corpo docente, é importante evidenciar que os primeiros professores da instituição tinham um perfil artístico e/ou prático, vinculados ao Movimento Moderno. Eram profissionais que tinham reconhecimento em seus campos pela inovação de técnicas e estéticas e estavam dispostos a viver uma aventura no campo do ensino universitário. Nesse primeiro momento, a maioria dos mestres foram convidados pelo reitor Darcy Ribeiro, pelos coordenadores do ICA e da FAU, Alcides Miranda e Oscar Niemeyer, e pelo professor Edgar Graeff. Os professores convidados dividiam-se em três origens: os residentes em Brasília, oriundos da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e do CEPLAN; os artistas cariocas e paulistas do círculo de amizade dos coordenadores e os pós-graduandos cativados por Graeff em suas palestras pelo país (FUENTES, 2017).

Como apresentado na figura 2 ao lado, a maioria dos professores era do Rio de Janeiro (em vermelho), portanto advinham de uma formação em Belas Artes (Escola Nacional de Belas Artes, Faculdade Nacional de Arquitetura e Universidade do Brasil). Além disso, faziam parte, como apontado por Nakandakare (2018), de uma rede de divulgação da arquitetura moderna, especificamente da escola carioca, pelo país. A diversidade cultural foi promovida pela presença dos instrutores que vinham de diversas escolas brasileiras. Destaca-se a presença de recém-formados de Minas Gerais (em laranja), da Faculdade de Arquitetura de São Paulo (em cinza) e a do Rio Grande do Sul (em roxo), e um maior número do Nordeste, da Escola de Belas Artes de Pernambuco (em azul). Apesar dessa diversidade de origens, os pós-graduandos estavam totalmente imbuídos dos ideais difundidos pelos professores e pelo próprio sucesso internacional da arquitetura moderna brasileira.

Figura 2: Professores da primeira fase do Curso (1962-1965)



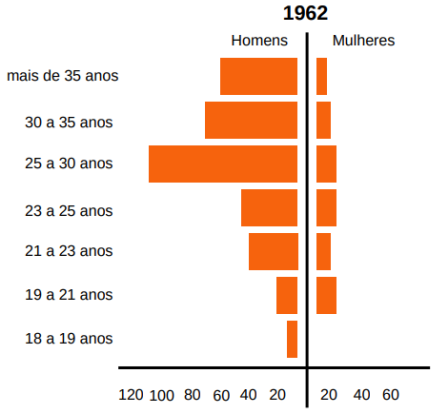
Fonte: Autora (2021)

Esses profissionais trouxeram inovações didáticas, planejadas ou não, que apresentavam o desejo de experimentação de outras técnicas de ensino-aprendizagem. O arquiteto Aleixo Furtado (2019), da turma de 1964, declarou que os estudantes “eram cobaias”, pois “boa parte [dos professores] eram profissionais de primeira linha, mas poucos davam aulas antes de vir para cá”. Mesmo sem um pensamento pedagógico condicionado, os professores extraiam da sua prática profissional novos modelos de trabalho. Como exemplos têm-se, no ICA, o uso do artesanato para o estudo da representação de projetos (JEAN,1962b) e na FAU, a didática do escritório de arquitetura, com o trabalho em equipe, possuindo a capital e o campus como objetos de estudo (UnB, 1962a).

Diferente do ensino bancário comum naquele período, segundo os ex-alunos, no ICA-FAU: “o professor tratava a gente como um colega o que já era muito diferente; [...] era um trabalho conjunto, ele dizia o que era para fazer e estava do lado fazendo junto com você” (XAVIER, 2019). Além de uma relação mais horizontal com os professores, as aulas se caracterizavam pelo debate. Os alunos tinham o “direito de dizer que não queriam fazer aquilo ou não gostavam, mas tinham que dizer o porquê e o que prefeririam” (FURTADO, 2018). Esse desenvolvimento da autonomia discente foi um marco da didática do curso. Sua concretização foi facilitada por meio do tipo de aluno que adveio para a escola nesse período. A partir do “Diagnóstico do Desenvolvimento da Universidade de Brasília” (UnB, 1969) e das entrevistas com os ex-alunos (2019), evidenciou-se, como apresentado na figura 3, que a maioria dos discentes era homens e acima dos 25 anos, sendo uma faixa etária mais madura. Quanto aos seus objetivos formativos, existia o grupo que havia migrado a trabalho para Brasília, dessa forma enxergaram o Curso uma continuidade na formação, e àqueles que vieram pelo interesse na arquitetura moderna, na cidade em construção e na fama do corpo docente da Faculdade.

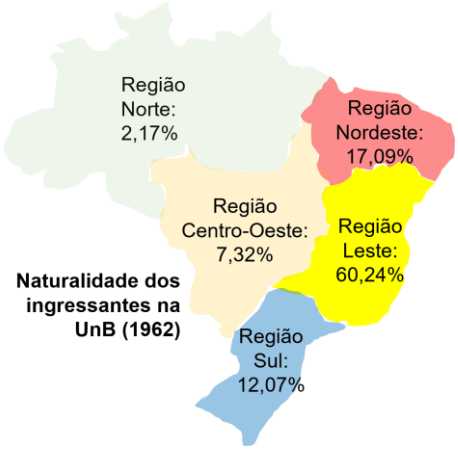
Esses ingressantes maduros e/ou motivados advinham do mesmo contexto cultural dos professores. A partir dos dados do Diagnóstico da UnB (1969), sabe-se que eles vinham majoritariamente da região “leste”, com 60,24% do corpo discente da Universidade. A região leste, até a década de 1970, constituía-se dos estados da Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, conforme mapeado na figura 4. Evidencia-se que, mesmo com a Bahia e o Sergipe inseridos na região Leste, a Região Nordeste era o segundo maior fluxo de estudantes para a capital. Contudo, é possível destacar a presença de ingressantes de todas as regiões do país. Dessa forma, ia se confirmando que Brasília era a obra de integração nacional e contava com a UnB como um dos centros de integração dos brasileiros.

Figura 3: Ingressantes segundo faixa etária e sexo (valores absolutos)



Fonte: UnB, 1969, p.44, editado pela autora.

Figura 4: Naturalidade dos ingressantes na UnB (1962)



Fonte: UnB, 1969, p.51, editado pela autora.

Essa experiência trazia o compromisso com a nação e com a afirmação da identidade brasileira. Como afirmado pelo ex-aluno Roberto Castelo (2019), a Escola não formava somente para a vida profissional, “era necessário dar continuidade a uma cultura, cuja identidade com a nação era essencial”. Contudo, “a preocupação com a nação foi identificada como o movimento comunista e interpretada como subversão” (Castelo, 2019). Com isso, a história de realizações vai receber uma intervenção dramática. No ano de 1964, quando a UnB já estava consolidada pedagógica e espacialmente, houve a mudança repentina de gestão do

país e, com ela, de toda uma política, a qual a universidade era herdeira. O primeiro semestre letivo que iniciou em primeiro de março, vai ser interrompido após 9 dias de atividades, com a primeira invasão do campus pela polícia. Naquele momento, 15 professores foram presos, mas logo foram soltos e voltaram à universidade. Além dessa intervenção, o que também marcou esse momento foi a extinção do Conselho Diretor da FUB, em que foram retirados do cargo todos os fundadores da Universidade. Com isso, a Universidade vai ter nova gestão, assumida pelo reitor pró-tempore Zeferino Vaz (SALMERON, 2012).

Mas, para implantar a nova política, não era suficiente somente a saída do grupo gestor da Universidade. Então, em maio, ocorre a demissão dos professores do Curso de Arquitetura: Lincoln Ribeiro, Edgar Graeff, Eustáquio Toledo Machado Filho e José Zanine Caldas (SALMERON, 2012). O núcleo escolar sentiu bastante o impacto da saída desses profissionais que atuavam desde o primeiro semestre do Curso, mas zelando pelo projeto educacional a que se propunham, continuaram as atividades. O novo reitor tentou cumprir as promessas de dar prosseguimento as obras construtivas e pedagógicas da UnB, mas o clima político, com novas demissões e devoluções de docentes, e um corte orçamentário de 40%, impossibilitaram sua realização (UnB,1964). Com isso, Zeferino Vaz pediu demissão.

O novo reitor Laerte Ramos de Carvalho pouco atuou para melhorar o clima no campus e lidar com as demandas da comunidade universitária. O cenário era de um reitor autocrático, que promovia um ambiente de trabalho inseguro para todos. O ápice da tensão ocorreu em outubro de 1965, com mais demissões, ameaças aos professores, greves e nova intervenção militar, dessa vez pelo exército nacional. Em consequência dessas ações, os professores em defesa da “autonomia universitária e da dignidade do trabalho intelectual” (RIBEIRO, 1991, p.254), decidiram pela demissão coletiva. A universidade ficou com 20% do seu corpo docente, sendo o curso de Arquitetura um dos mais atingidos. Coube a administração de Carvalho, captar novo corpo docente com um enorme problema financeiro, devido à redução de aporte da União e da perda de auxílios de órgãos como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Fundo Especial das Nações Unidas e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (PROMOÇÃO, 1965). Apesar disso, alguns cursos terminaram o segundo semestre de 1965, mas o de Arquitetura foi adiado para o ano seguinte (UnB REABRE, 1965).

Essa primeira fase do Curso, de 1962 a 1965, foi caracterizada pelo experimento, “um processo vivo de interação entre a teoria (o projeto) e a prática” (LINCOLN; GRAEFF, 1965, p.15). O que os professores Lincoln e Graeff (1965, p.15) destacaram, ao refletir sobre esse período, foi que a comunidade universitária reestruturou sua própria visão de Universidade, “aferiam suas ideias, métodos e hábitos a nova realidade emergente”. Com isso, conseguiu-se valiosas contribuições didáticas, como também consideráveis erros, mas segundo eles, a virtude desse processo foi a possibilidade de “capitalizar os acertos e corrigir os erros” (LINCOLN; GRAEFF, 1965, p.15). Durante esses três anos, contribuíram para essa experiência no ICA-FAU, mais de 60 profissionais, sendo 21 arquitetos. Esses arquitetos oriundos majoritariamente do estado da Guanabara (Rio de Janeiro), mas também das regiões Sul e Nordeste contribuíram na construção de um curso universitário de Arquitetura e de sua pós-graduação. Em comunhão de ideias, estavam os discentes que vindos de todo país estiveram empenhados em desenvolver uma proposta de ensino-aprendizagem inovadora. A interrupção desse processo se deu com a passagem da democracia a uma ditadura. O Curso de Arquitetura foi um dos mais visado e atingido por esse novo paradigma posto. O motivo era filiação de alguns professores ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a relação dos Diretórios Acadêmicos com a, clandestina e perseguida, União Nacional dos Estudantes (UNE). Dessa forma, ao tornaram-se representantes de uma política em questionamento, tanto os arquitetos-professores, como o Curso, tiveram que se adequar ao novo regime. Restou aos alunos lutar contra a deformação do curso em um período caracterizado pelo medo e violência.

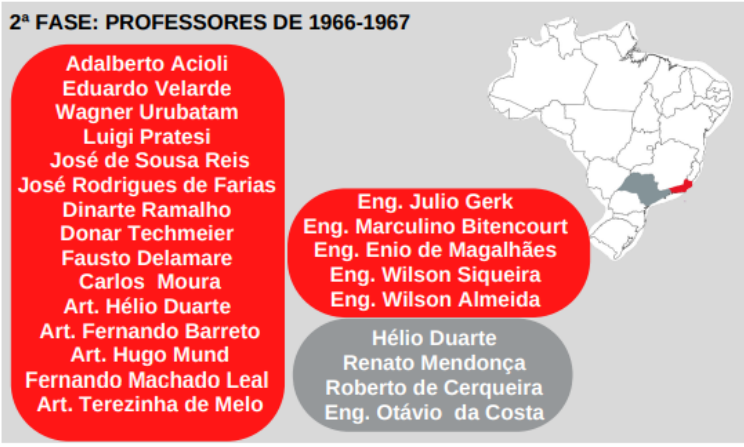
2ª FASE: DEFORMAÇÃO DO CURSO

A segunda fase do Curso caracterizou-se pelos anos de 1966 a 1967, quando houve nova composição docente e o retorno das aulas após a demissão coletiva. Àqueles estudantes que foram motivados por uma didática caracterizada pelo debate, isonomia e autonomia, retornaram as atividades prontos para defender os ideais construídos na primeira fase da instituição. Ao encontrarem novos profissionais e uma didática incompatíveis com a experiência anterior, iniciaram o embate que, após dois anos, levou ao fechamento da Escola. O curso, seu novo perfil docente e a luta dos estudantes, durante esse período, são apresentados nesse subcapítulo.

O retorno das aulas do Curso de Arquitetura foi em fevereiro de 1966. Apesar de continuar estruturado no ICA-FAU, o encerramento do mestrado profissional fez com que o curso perdesse os instrutores e sem eles e os arquitetos-professores também foi concluída a dinâmica atuação do CEPLAN. Visto que, de acordo com Cavalcante (2015), nada foi projetado no órgão durante 1965 a 1968, somente foram continuadas as obras em andamento. O novo grupo de professores foi formado com profissionais do mercado profissional de Brasília e de grupos de confiança do grupo gestor, com pré-requisitos ideológicos. O quadro era formado por quinze arquitetos, quatro artistas e seis engenheiros. Entre os docentes havia nomes conhecidos do campo profissional de Arquitetura, como os arquitetos Sylvio de Vasconcellos e Hélio Duarte. Além de alguns professores remanescentes, como José da Souza Reis, João Evangelista, Fernando Leal e Hugo Mund Júnior. Os demais profissionais eram pouco conhecidos no campo.

Esse grupo de professores foi responsável por desenvolver toda a documentação para que o Curso de Arquitetura fosse reconhecido pelo Conselho Federal de Educação (CFE) e pudesse conceder diplomas para os seus primeiros egressos. Por isso, foi possível identificar esses profissionais e seus currículos nos pareceres do CFE. De acordo com o Parecer nº45 (1967), identificou-se que, assim como o primeiro grupo, a segunda geração de docentes era em sua maioria formado pelos egressos das escolas cariocas (ver figura 5). Os arquitetos e artistas advinham da Escola Nacional de Belas Artes, da Faculdade Nacional de Arquitetura ou da Universidade do Brasil. Já os engenheiros eram oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras (2), da Faculdade Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro (2) e da PUC carioca (1). Os demais profissionais de faculdades de arquitetura paulistas, como a Faculdade Presbiteriana Mackenzie e a Universidade de São Paulo (USP) (em cinza).

Figura 5: Professores da segunda fase do Curso (1966-1967)



Fonte: CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer nº 45/67. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Brasília. Documenta n. 61, Brasília, fev. 1967. Editado pela autora (2022).

Quanto a prática profissional, o parecer do CFE não enumerou ou esclareceu muito, mas informou que quase todos os profissionais tinham participação em inúmeras obras. O grupo de arquitetos era formado por professores que atuavam no mercado de trabalho local, em órgãos como o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários (IAPC), o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), a Fundação Brasil Central e a Prefeitura de Brasília. Já entre os engenheiros, três atuavam na construção civil em suas cidades e os outros três no setor de obras da 11º Região Militar do Exército, em Brasília. Dentro dessa experiência, dos vinte sete profissionais que compunham o corpo docente, somente seis deles apresentavam prática de ensino e onze já haviam atuado em alguma pesquisa (CONSELHO, 1966).

A semelhança do primeiro grupo docente, o segundo grupo advinha da prática profissional e não possuía experiência em ensino e pesquisa. Contudo, a partir das primeiras aulas foram se evidenciando as diferenças entre os profissionais. A partir dos relatos dos estudantes foi possível classificar esses professores em três perfis didáticos: os descompromissados, os conservadores e os remanescentes. O primeiro tipo não tinha

compromisso nem com a instituição, nem com a missão educadora da UnB. Entre esses, estavam alguns profissionais que achavam que o trabalho como professor era "uma boquinha", um complemento de renda (CASTRO, 2019). Esses profissionais trabalhavam em regime parcial e pouco se dedicavam as atividades administrativas e de pesquisa. Os conservadores era um grupo seleto de docentes que tinha experiência de ensino, mas utilizavam métodos de ensino tradicionais. Furtado (2019) vai justificar que os alunos tinham dificuldade em aceitar aquela didática, pois eles tinham participado da "revolução da reestruturação do ensino" que ocorreu com na UnB, especificamente no ICA-FAU. Por fim, existiam os docentes remanescentes do início da formação, contudo, eles atuavam majoritariamente no ICA.

Ao constatarem o nível desses profissionais, os alunos iniciaram a resistência a eles (CASTELO, 2019). O embate entre professores e estudantes perdurou por três semestres, até a decisão pelo fechamento da escola por parte dos alunos. No dia do fechamento, em 05 de outubro de 1967, o DACAU publicou o "Comunicado aos estudantes e ao povo", que se constituía da justificativa das ações estudantis até aquele momento, seguido de um abaixo-assinado, subscritos por 93 alunos. De acordo com o Comunicado (1967, p.1), as ações era uma reposta a inobservância das proposições básicas da UnB pelo corpo docente e a incapacidade dos profissionais contratados de cumprirem "exigências mínimas para Educação Universitária". Com essa iniciativa, os estudantes pretendiam pressionar a Reitoria para que efetuasse a demissão daqueles professores, contudo, o resultado não foi o esperado. A partir da inércia da gestão, mesmo com constante pressão estudantil, o Curso de Arquitetura da UnB ficou fechado por 1 ano.

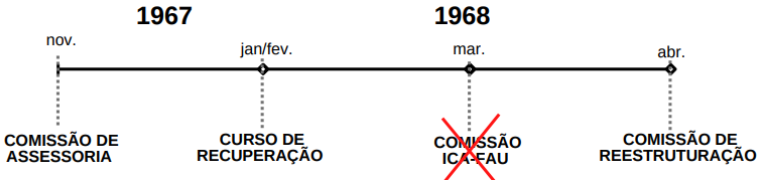
Durante esse período, os estudantes do ICA-FAU promoveram diversos estudos e reuniões e se capacitaram para defender o ensino que queriam. O lema do grupo "Queremos formação, não formatura!" era claro quanto seus objetivos (ALEIXO, 2019). Essa segunda fase da escola, de 1966 a 1967, ficou caracterizada pelo confronto entre os estudantes e os professores, diante da incompatibilidade pedagógica entre eles, e o empoderamento estudantil em defesa de seus ideais. Durante esses quase dois anos de trabalho, em um contexto de mudanças de gestão na reitoria, de professores e de invasões violentas, o que não mudou foi a dedicação dos estudantes à construção pedagógica da sua escola. Os estudantes tomaram para si a missão dos primeiros docentes e lutaram para reabrir seu curso, com os potenciais que tinha anteriormente. Para isso, foi fundamental a pressão estudantil, atuação do habilidoso reitor recém-empossado Caio Benjamin Dias e a colaboração do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).

3ª FASE: REESTRUTURAÇÃO DO CURSO

A terceira fase do ICA-FAU iniciou com a ausência de professores, que rejeitados pelos estudantes não iam a instituição, e a presença constante e atuante dos alunos buscando a reconstituição do seu curso. Foi nesse momento que o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) foi convidado a ajudar o Curso. Por meio dos vínculos da entidade e da atuação estudantil, os anos de 1967 a 1970 caracterizaram-se pelo relacionamento colaborativo do campo professional com a escola. Entre os profissionais que mais auxiliaram para a reabertura da Faculdade, estiveram aqueles reunidos em Comissões, ou em Cursos, que constituíram as bases conceituais e práticas da instituição, para que pudesse novamente se desenvolver autonomamente. Enquanto os visitantes auxiliavam com seus conhecimentos técnicos e teóricos, os estudantes agiam como herdeiros de uma tradição viva, dispostos a evoluir na organização do curso, sem perder os valores que viveram. Dessa forma, a terceira fase caracterizou-se pela reorganização da escola, pela ascensão de novos atores docentes e pela atuação estudantil.

Nesse período foram três grupos profissionais que auxiliaram o Curso. A partir de missões diferentes, eles foram convocados ora pela reitoria, ora pelos estudantes para que agrupados ajudassem com recomendações resolutivas. Conforme apresentada na figura 6, ainda em 1967, foi articulada a **Comissão de Assessoria** para definir o futuro do Curso, sugerindo o método de retomada das aulas. Com a missão de retomar as atividades do semestre anterior interrompido, foi organizado o **Curso de Recuperação**, desenvolvido entre janeiro e fevereiro de 1968, por professores do Paraná e de Minas Gerais. Em março, foi montada e extinta a Comissão ICA-FAU, a qual, diante de ausência de contribuições, não foi aqui apresentada. Por fim, após muitos obstáculos, foi reunida a **Comissão de Reestruturação**, a primeira paritária da instituição. Os arquitetos que fizeram parte desse grupo vieram de vários lugares do país, assim como os alunos, contribuíram para a constituição de uma escola com identidade nacional.

Figura 6: Cronologia de Comissões que auxiliaram o ICA-FAU (1967-1968)



Fonte: Autora (2022).

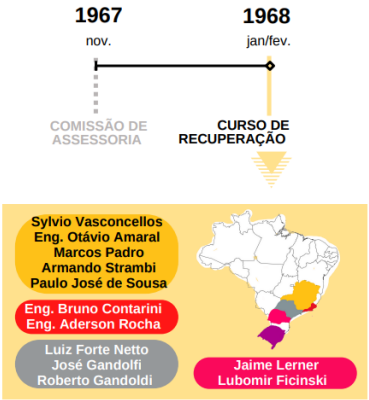
A Comissão de Assessoria foi o grupo articulado pelo reitor Caio Benjamim Dias, com a assessoria do IAB nacional, logo ao assumir. A fim de "analisar e oferecer sugestões sobre o ensino de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo" de Brasília, foram convidados profissionais antigos e contemporâneos do curso, o IAB e professoras externas (IAB, 1968, p.12). Compuseram a equipe o ex-coordenador Alcides Miranda, e os professores José de Souza Reis e Hélcio de Freitas, o presidente do Conselho Superior do IAB, o arquiteto Fábio Penteado, e a professora Suzy de Mello da Escola de Arquitetura de Minas Gerais. Essa primeira equipe, como demonstrado na figura 7, foi composta de representantes cariocas (em vermelho), gaúchos (roxo), paulistas (cinza) e mineiros (laranja), respectivamente. Dessa forma, já se indicava o perfil multicultural pretendido na escola. Esses assessores contribuíram com a sugestão de criação de uma Comissão de Coordenação, para realizar a reorganização do Curso, e a recomendação que a turma de concluintes tivesse sua formação complementada por meio de seminários sobre arquitetura.

Figura 7: Membros da Comissão de Assessoria (1967)

Fonte: UnB, 1967. Editado pela autora (2022)

A partir dessas diretrizes, a primeira ação da reitoria foi concluir o semestre anterior, organizando o Curso de Recuperação. O Curso foi realizado entre 9 de janeiro e 28 de fevereiro de 1968, com o objetivo de concluir o segundo semestre de 1967. Diante da crítica dos alunos ao nível da segunda geração de professores da instituição e da reconhecida competência do primeiro grupo de professores do ICA-FAU, para desenvolver a Recuperação foi montada uma equipe de profissionais aclamados em seus campos. Deste modo, para a área de Projeto de Arquitetura e Urbanismo, foram chamados os professores-arquitetos da Universidade Federal do Paraná (figura 8, em rosa), uma escola nova composta por arquitetos paulistas (cinza) e da própria escola conhecidos como os "papa-concurso", tendo em vista suas vitórias em vários certames pelo país (CASTELO, 2019). Ainda foram convidados professores oriundos de Minas Gerais (em laranja) que, além de competentes, contavam com a confiança do reitor que advinha da mesma instituição e os engenheiros cariocas (em vermelho).

Figura 8: Professores convidados do Curso de Recuperação (jan-fev.1968)



Fonte: CASTELO (2019), editado pela autora.

O Curso de Recuperação foi realizado em regime intensivo, por blocos temáticos: Projeto, História e Tecnologia. Sobre a didática do curso, os alunos recordavam-se da dinâmica da disciplina de "Composição". Os trabalhos eram semanais, com o tema explicado na segunda-feira e deveria ser entregue no sábado, até meia noite. Com funcionamento compacto, ritmo intenso de projeto e trabalho em equipe com os professores, além da "pressão política e existencial", o Curso teve um bom resultado (CASTRO, 2019). O arquiteto Moraes de Castro (2019), da turma de 1964, relatou que todos notaram que aquela formatação do curso era

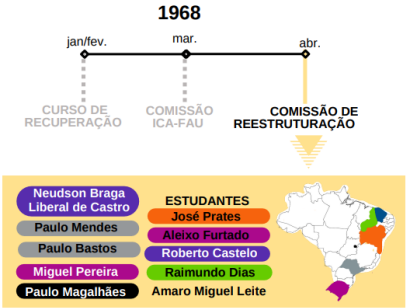
interessante, com “uma estrutura de escritório, de concurso, de cliente, faz porque é para amanhã”. Essa experiência trouxe uma contribuição muito importante na formação daqueles estudantes: uma metodologia de projeto. Como ressonância desse curso foi implementada essa metodologia no projeto pedagógico da reestruturação da FAU.

Com a conclusão da Recuperação em fevereiro, retornava à preocupação estudantil com o futuro da instituição, já que o ICA-FAU continuava sem uma coordenação (DACAU, 1967). Houve uma tentativa de formar nova comissão no mês seguinte, mas sem acordo entre a reitoria e os estudantes, o impasse continuou. Diante dessa situação, novamente o IAB foi convidado a colaborar com a escola. Dessa vez, o convite partiu do grupo estudantil, compreendendo que somente a entidade, como agente externo, poderia intermediar uma solução com a reitoria. Por meio da interlocução do Instituto de Arquitetos, os estudantes solicitaram a constituição de outra Comissão que, possuísse um “espírito de equidade entre alunos e reitoria”, fosse composta por profissionais vinculados “ao espírito que originou a UnB” e a favor do interesse estudantil (AGRAVADA A CRISE, 1968).

Ainda em março, o presidente do IAB, o arquiteto Eduardo Kneese de Melo, intermediou as questões com a reitoria e os estudantes e conseguiu acordar a constituição de uma Comissão paritária (MEDIATOR TENTA, 1968). Dessa forma, com professores e alunos, foi organizada a Comissão de Reestruturação. Esse foi o terceiro e último grupo profissional formado para auxiliar a reabertura da escola. Já na primeira reunião com estudantes, Eduardo Kneese informou que a nova Comissão, seria chefiada pelo professor Neudson Braga, diretor da Faculdade de Artes e Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, a qual tinha o mesmo modelo universitário que a UnB (IAB, 1968, p.12). No mês seguinte, Neudson Braga chegou a Brasília acompanhado do colega, também professor na escola cearense, Liberal de Castro.

A primeira ação dos professores foi ouvir todos os envolvidos e, baseados nas orientações da Comissão do Assessoramento, formar uma comissão com pessoas de vários estados e universidades, para, em conjunto, reestruturar as instituições (BRAGA, 2018). A Comissão de Reestruturação foi composta de cinco profissionais, convocados pelo IAB e avaliados pela reitoria (figura 9). Além da dupla do Ceará (azul marinho), os outros profissionais que compuseram a Comissão foram: Miguel Alves Pereira (em roxo), do IAB do Rio Grande do Sul e vice-presidente nacional do IAB; Paulo Mendes da Rocha, do IAB São Paulo (em cinza) e diretor da Divisão Nacional de Ensino do IAB; e Paulo Barbosa Magalhães (em preto), do IAB-DF e representante dos arquitetos em Brasília.

Figura 9: Membros da Comissão de Reestruturação do ICA-FAU



Fonte: CASTELO et al, 2019, editado pela Autora (2022).

Como a Comissão era paritária, o DACAU também indicou os cinco alunos: José Prates (laranja), presidente do diretório, oriundo da Bahia, o estudante gaúcho Aleixo Furtado (roxo), o cearense Roberto Castelo (azul marinho), o piauiense Raimundo Dias (verde) e Amaro Miguel Leite (não encontrada a informação). Com essa configuração, como apresenta a figura 10 acima, a Comissão constituía-se de membros das regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, apresentando a dimensão nacional pretendida. Contudo, notabiliza-se que advindos do Nordeste constituíam a metade da comissão, sendo dois profissionais (do Ceará) e três estudantes (do Ceará, da Bahia e do Piauí).

A Comissão de Reestruturação foi fundamental para a solução do problema das instituições, contribuindo com a formação de nova equipe docente, a discussão do currículo e o planejamento dos cursos. Para os novos professores, a Comissão definiu três pré-requisitos para a seleção, foram eles: a ausência de experiência acadêmica, para que evitasse “os vícios e deformações das universidades clássicas” (PEREIRA, Miguel, 1970 apud PEREIRA, Miguel, 1984, p.123-132), a prática em projetos vinculados a realidade nacional e a aptidão em aprender uma nova didática de ensino. Para planejar o projeto pedagógico e o currículo, essa Comissão contou com a contribuição de diversos profissionais de várias escolas do país até a reabertura do curso. Além da visão nacional da Arquitetura que pretendiam, essa foi uma estratégia do grupo para sondar e captar docentes.

O primeiro evento com essa função foi o 1º Seminário ICA-FAU, realizado em julho de 1968. Na ocasião foram realizadas palestras e organizados grupos de trabalho para debaterem a estrutura antiga e planejaram os princípios do novo projeto pedagógico do ICA-FAU. De acordo com matéria do Correio Braziliense (REESTRUTURAÇÃO DO ICA-FAU, 1968), estiverem presentes nesse evento, Aloísio de Magalhães, Artur Lício Pontual, Clauss Bergner e Paulo Martins, assim como outros professores da USP, do Rio Grande do Sul, do Ceará, da Escola Superior Industrial do Rio de Janeiro e do Instituto Villa-Lobos. A partir do trabalho desenvolvido nesse evento, foi produzido um relatório com a organização do curso, seu currículo e a sugestão de data para reinício das aulas.

Com esse plano definido no Seminário, foi organizado novo evento, o 1º Fórum ICA-FAU. Nesse fórum, foram realizados os programas das disciplinas, a capacitação dos estudantes e professores no entendimento da proposta e da missão institucional, e a discussão sobre a didática compatível com a educação universitária artística (AULAS DO ICA-FAU, 1968). Outra contribuição desse evento foi a revisão da atuação do CEPLAN e o retorno de suas atividades. De acordo com Relatório da Reestruturação (1968), o CEPLAN funcionaria como um "órgão integrado ao plano didático" atuando como "um grande laboratório de trabalho onde professores e alunos [desenvolvessem] seus conhecimentos e [adquirissem] prática e vivência" (BRAGA et al, p.152). Com isso, a partir de 1968, o CEPLAN voltou a desenvolver projetos e a se relacionar com a FAU, mas somente pela atuação prática dos docentes na construção do campus. Visto que, no Relatório de atividades do CEPLAN (1972), de 1969 a 1972, foi afirmado que, até aquele momento, a presença de estudantes nos trabalhos do Centro era uma das metas não atingidas.

Durante o Fórum, como consequência do relatório do Seminário ICA-FAU, foram demitidos os 67 professores que ainda estavam à disposição da Universidade, esperando a solução do empasse (UnB VAI DEMITIR, 1968). A partir da demissão, pode-se compor novo corpo docente. Os estudantes aproveitaram a presença dos profissionais participantes do evento para realizar os convites para a formação do terceiro grupo de professores do ICA-FAU. Os assessores dividiram-se entre os que não podiam aceitar o convite devido ao vínculo com outras instituições e os que achavam que não tinham experiência docente suficiente para a missão. Entre os indisponíveis estavam os professores da FAU-USP, os quais vão providenciar um convênio entre as Faculdades, para promover o intercâmbio de docentes e o fornecimento de bibliografia. Aqueles que se achavam inexperientes vão escutar dos alunos que o desejo deles era por arquitetos-professores que viessem construir o curso junto com eles (COUTINHO, 2018). Como também não queriam "medalhões", foram ajuntados ao grupo, como instrutores, arquitetos recém-formados na escola. O resultado foi um corpo docente que tinha em comum um ideal formativo para o arquiteto brasileiro, além da "esperança que a ditatura não ia demorar para sempre" (COUTINHO, 2018). Em outubro de 1967, foi encaminhada uma lista de nomes com a indicação do novo corpo docente (BRAGA et al, 1968).

A terceira equipe docente do ICA-FAU (figura 10) vai ser formada por profissionais oriundos de São Paulo (em cinza), de Porto Alegre (em roxo) e dos recém-formados, em sua maioria de Brasília (em preto). O Departamento de Projeto se estabeleceu majoritariamente pelos gaúchos, enquanto o de Teoria e História predominou os paulistas em decorrência do convênio com a FAU-USP. Essa nova equipe iniciou os trabalhos no "Semestre de Emergência", de 15 de outubro de 1967 a fevereiro de 1968. Nesse semestre foram testados o currículo e os programas desenvolvidos no I Fórum ICA-FAU. Entre os assessores que auxiliaram nesse período estiveram o economista paulista Paulo Sandroni, vinculado à época a PUC-SP, e o arquiteto Nestor Goulart Filho, como chefe do Departamento de História da FAU-USP (BRAGA et al, 1968).

Figura 10: Professores da 3º fase do Curso (1968-1970)

Fonte: BRAGA et al, 1968. Editado pela autora (2022).

O ensino desse período vai transcorrer com "muito experimento e um pouco de ingenuidade. Havia muita vontade de acertar, de fazer alguma coisa diferente dos outros estados, dos outros cursos que a gente conhecia de Arquitetura" (COUTINHO, 2018). O projeto pedagógico, denominado de Cultural, do ICA-FAU, depois de

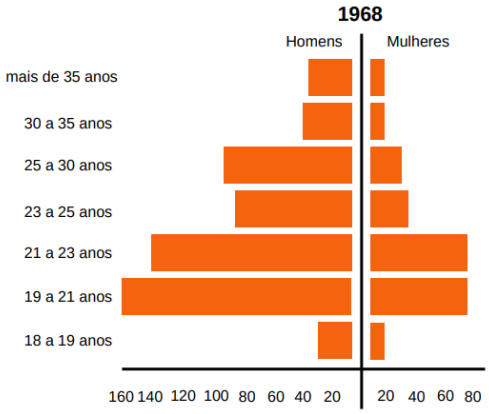
um ano de conflitos, tinha como principal objetivo o de recompor as escolas administrativamente, mas também socialmente, reconstruindo a integração perdida. Como resultado foi incentivada a "copartipação" de toda comunidade acadêmica no processo de ensino-aprendizagem, a integração interdepartamental e que os trabalhos trouxessem uma contribuição regional a partir de uma prática (COUTINHO, 2018).

Após os primeiros Seminário e Fórum ICA-FAU e a experiência do Semestre de Emergência, encerrado em fevereiro de 1968, o Curso de Arquitetura da UnB zerava as pendências promovidas pelo fechamento da escola e pode continuar sua história. Além de reestruturados o ICA e a FAU, A nova equipe docente, junto com os estudantes, decidiu desenvolver um sistema dinâmico de ensino e aprendizagem que admitisse sua autocorreção, por isso acordaram a realização de encontros periódicos para avaliar o andamento da proposta. Assim, foram realizados o 2º e o 3º Fórum ICA-FAU, em março de 1969 e em fevereiro do ano seguinte, nesta ordem. Nesses dois momentos, novamente o Curso de Arquitetura da UnB pode contar com convidados importantes para sua constituição e avaliação. O 2º Fórum ICA-FAU se estabeleceu como a abertura desse novo ciclo de atividades, por isso foram convidados os membros da Comissão de Reestruturação, a direção do IAB-DF, representada pelo presidente Fernando Burmeisten e o arquiteto Edgar Graeff, e o professor Júlio Katinsky, que auxiliou o Departamento de História no período (ICA-FAU, 1969).

Já no 3º Fórum ICA-FAU, estiveram presentes como convidados os professores advindos de São Paulo, Sergio Ferro e Claudio Gomes, o ex-aluno e professor da FAU-UFCE, Roberto Castelo, o engenheiro mineiro Ernesto Walter e os arquitetos Ramon Henrique e Paulo Tourinho (ICA-FAU, 1970). Esse evento de fevereiro de 1970 foi último a ser realizado. No mês seguinte a sua realização, a UnB se adequou a Reforma Universitária, o que trouxe mudanças na estrutura e funcionamento do ICA-FAU. O ICA-FAU foi transformado no Instituto de Arte e Arquitetura (IAA), com isso, a FAU tornou-se o Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) do Instituto e seus antigos departamentos transformaram-se em setores temáticos. Em consequência dessas mudanças, o Curso de Arquitetura teve sua liberdade e sua autonomia didática limitadas, o que dificultou as inovações curriculares e os experimentos. Além disso, a formação de muitas das antigas lideranças fez com que o curso perdesse boa parte de sua massa crítica.

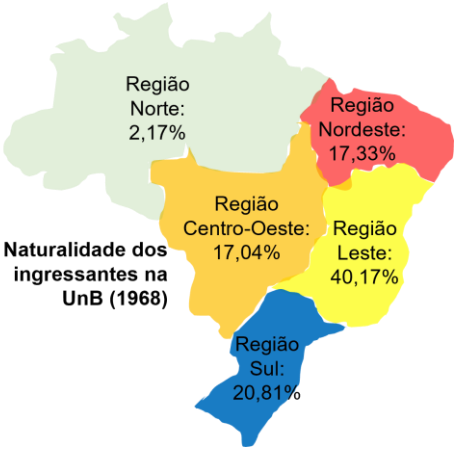
Então, até o encerramento desse projeto, a estrutura acadêmica continuou a mesma, composta pelo ICA e pela FAU e a composição curricular foi constantemente aprimorada e revisada de forma paritária. Os docentes continuaram com um perfil dedicado ao projeto nacional e à identidade cultural brasileira, e inovaram ao levar a escola para a cidade, visitando as cidades satélites e possuindo uma visão regional do Distrito Federal. Enquanto os alunos, como apresentam os dados do Diagnóstico da UnB (1969, figura 11), vão chegar cada vez mais jovens na Faculdade e, segundo os professores (COUTINHO; GALBINSKY, 2018), menos críticos. Em comparação com o ano de 1962, percebeu-se o aumento da proporção de mulheres no curso e de estudantes advindos das regiões Sul e Centro-Oeste. Como se ver na figura 12, duplicou a quantidade de estudantes do Centro-Oeste em Brasília, os quais começaram a ver a UnB, como uma opção do ensino superior próxima de casa. Com a ascensão da migração do Centro-Oeste, a Região Nordeste perdeu o posto de segundo maior fluxo migratório, mas, em terceiro lugar, continuou com a mesma proporção de estudantes interessados em formar-se na capital. Não houve mudança significativa da migração de alunos da Região Norte, mas houve uma diminuição substancial dos oriundos da Região "Leste". Visto que a transição do funcionalismo público do Rio de Janeiro para Brasília estava se estabilizando.

Figura 11: Ingressantes segundo faixa etária e sexo (valores absolutos)



Fonte: UnB, 1969, p.44, editado pela autora.

Figura 12: Naturalidade dos ingressantes da UnB (1968)



Fonte: UnB, 1969, p.51, editado pela autora.

A Reestruturação do ICA-FAU tornou-se um marco na história institucional, pois, para além de toda luta para realizá-la, foi nessa ocasião que foram confirmados os compromissos com a inovação educativa, o respeito a autonomia do estudante e a identidade nacional. Sua localização em Brasília, na capital recém-fundada e esperança de nova fase da nação, vai condicionar a Universidade de Brasília e, especificamente, sua escola de Arquitetura a essa missão de tornar-se o epicentro dessa cultura nacional, que vimos representada na origem e cultura dos professores e estudantes que a compuseram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da história do ICA-FAU de 1962 a 1970, pode-se corroborar o desejo da comunidade universitária em desenvolver um Curso de Arquitetura e Urbanismo que fosse um exemplo de renovação do ensino superior do Brasil. As realizações nesse sentido foram as inovações em didática de sala de aula e na liberdade curricular, na sua primeira fase, o estudo e a dedicação ao tema da educação de arquitetos pelos estudantes, na segunda fase, e o desenvolvimento da proposta do Projeto Cultural, na terceira fase. Dessa forma, se evidenciou que o Curso de Arquitetura da UnB iniciou em 1962, como uma experiência de inovação e alcançou na sua reestruturação, em 1968, um projeto paritário, claro e, novamente, inovador, para formação de arquitetos.

Durante esse amadurecimento pedagógico, o Curso de Arquitetura contou com arquitetos-professores e estudantes que, a partir de sua origem cultural, compuseram uma escola de perfil nacional. Ao reunir todos os docentes que atuaram na FAU-UnB, nas suas três fases, foi possível apontar a contribuição de professores das Faculdades de Arquitetura do Ceará, de Pernambuco, da Bahia, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Paraná, do Rio Grande do Sul e da própria Universidade de Brasília. Especificamente sobre a presença nordestina no Curso, foi possível apontar, na sua primeira fase (1962-1965), professores pernambucanos e o segundo maior fluxo migratório de estudantes do país. Enquanto na segunda fase (1966-1967) os docentes advinham do “Leste” e não houve dados estudantis, a terceira fase vai se evidenciar pela presença marcante dos nordestinos. A partir da Comissão de Reestruturação, coordenada por um cearense, o curso contou com a ajuda de mais dois cearenses, outro professor e um aluno, um estudante baiano e outro piauiense. Dessa forma, a Comissão que possibilitou a reabertura do curso tinha metade da sua composição nordestina. É preciso destacar a atuação do IAB como importante promotor dessa diversidade cultural no campo profissional. Inicialmente, a entidade colaborou, por meio do seu presidente, apaziguando o clima tenso da instituição e, posteriormente, com a articulação e o convite a profissionais para ajudar a Universidade.

Durante todo esse período, o que permitiu que o Curso não perdesse seu perfil inovador e integrador foi a atuação dos estudantes. Os estudantes que compuseram a escola nesse período, seja pela sua idade, seja pela empolgação com a aventura de se criar uma universidade no planalto central, compreenderam a importância dos objetivos da UnB e se comprometeram em realizá-los. Oriundos de todas as regiões do país, eles vão evoluindo politicamente durante a narrativa. Eles aprenderam a se posicionar criticamente e a desenvolver sua autonomia, em seguida se agruparam e a pleitearem suas demandas com a reitoria, até alcançar a maturidade política de exigir e conseguir a paridade na Comissão de Reestruturação. Por tudo isso,

a história inicial do Curso de Arquitetura e Urbanismo de Brasília constituiu-se de um exemplo da inovação e de realização das missões da Universidade de Brasília, seja com a nação, seja com a cidade-capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRAVADA A CRISE na Universidade. *Correio Braziliense*, Brasília, ano 1968, n. 2535, 23 mar. 1968. Caderno 1, p.2.

ALMEIDA, Jaime. *Universidade de Brasília*: ideia, diáspora e individuação. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

AULAS DO ICA-FAU INICIAM em forma de Seminário. *Correio Braziliense*, Brasília, ano 1968, ed. 2651, 07 ago. 1968. p.12.

BRAGA, Neudson. *Entrevista sobre a Reestruturação do ICA-FAU*. Entrevista concedida a Amanda Casé, por telefone, 10 mai. 2018.

BRAGA, Neudson et al. *Relatório da Comissão de Reestruturação ao Reitor Caio Benjamim Dias*, sobre a lista de professores para o ICA-FAU. Brasília, 2 out. 1968.

BRASIL. Lei n° 3. 998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, ano 1961, 20 dez. 1961, seção 1, p. 11.221

CASTELO, Roberto. *Entrevista sobre a experiência no ICA-FAU*. Entrevistado por Amanda Casé, Brasília, 16 ago. 2019.

CAVALCANTE, Neusa. *CEPLAN*: 50 anos em 5 tempos. 2015. Tese (de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CEPLAN. *Relatório das atividades do CEPLAN 1969-1972*. Brasília, 1972.

CHAUÍ, Marilena, 2001. In FÁVERO, Maria de Lourdes. Autonomia e poder na universidade: impasses e desafios. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 197-226, jan./jun. 2004.

CHAVES, Amílcar. *Entrevista sobre a experiência no ICA-FAU*. Entrevistado por Amanda Casé, Brasília, 10 set. 2019.

COSTA, Lucio. Plano Piloto da Universidade de Brasília. In: UNB. *Plano Orientador da UnB*. Brasília: Editora Universitária, 1962.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Currículo Mínimo do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Parecer nº 366, de 17 de novembro de 1962. *Documenta nº 10*, Brasília, dez. 1962.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer nº 578/66. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Brasília. *Documenta n. 61*, Brasília, nov. 1966.

COUTINHO, José Carlos. *Entrevista sobre a experiência de reestruturação do ICA-FAU*. Entrevistado por Amanda Casé, Brasília, 11 e 18 abr. 2018.

DAICA; DACAU. *Comunicados aos estudantes e ao povo*. Brasília, 12 out. 1967.

DACAU. *Ofício nº. 18 ao Magnífico Reitor Caio Benjamim Dias*. Brasília, 20 dez. 1967.

FUENTES, Maribel. *Os primeiros mestrandos da FAU-UnB*: de um passado que não se construiu. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FURTADO, Aleixo. *Entrevista sobre a experiência no ICA-FAU*. Entrevistado por Amanda Casé, Brasília, 16 ago. 2019.

GALBINSKI, José. *Entrevista sobre a experiência de reestruturação do ICA-FAU*. Entrevistado por Amanda Casé, Brasília, 10 abr. 2018.

GRAEFF, Edgar; RIBEIRO, Lincoln. *Universidade de Brasília*: experiência entre 1962-1965, s/d Brasília: ACE/UnB, s/d, pasta 1965, 24p.

GRAEFF, Edgar. *Arte e técnica na formação do arquiteto*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

IAB E FAU (DF): atuação nacional na solução da crise. *Jornal do IAB*, São Paulo, n.2, p.11-12, dez. 1968.

JEAN, Yvonne. Artesanato Universitário. *Correio Braziliense*, Brasília, ed. 621, 17 mai. 1962a. Esquina de Brasília, p.4.

JEAN, Yvonne. Universidade de Brasília, *Correio Braziliense*, Brasília, ed. 633, 31 mai. 1962b. Correio Estudantil, p. 6.

MAURICIO, Jayme. Escola de Arquitetura de Brasília. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 21901, 27 ago. 1964. Caderno 2, p.2.

MEDIADOR TENTA solucionar crises na UnB. *Correio Braziliense*, Brasília, ano 1968, n.2537, 28 mar. 1968. Caderno 1, p.3.

MONTEIRO, Amanda. *Os planos e as experiências educacionais da FAU e da UnB*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

NAKANDAKARE, Fernando Shigueo. *O Instituto de Arquitetos do Brasil na disseminação da Profissão do Arquiteto Moderno entre 1945-1969.* 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade de Campinas, Campinas, 2018.

PEREIRA, Miguel. Ensino de Arte e Arquitetura: A experiência de Brasília (1970). In: PEREIRA, Miguel. *Arquitetura e os caminhos de sua explicação*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984, p. 123-132.

PROMOÇÃO PARA OS ALUNOS da UnB com isenção de exames. *Correio Braziliense*, Brasília, ano 1965, n.1685, p.2, 27 de nov. 1965.

REESTRUTURAÇÃO DO ICA-FAU em pauta. *Correio Braziliense*, Brasília, ano 1968, ed.2638, 23 jul. 1968. Caderno 1, capa.

RIBEIRO, Darcy. *Carta*: falas, reflexões, memórias. Brasília: Gabinete do senador Darcy Ribeiro, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

SALMERON, Roberto. *A universidade interrompida*: Brasília 1964-1965. Brasília: Editora UnB, 2012.

Universidade do DF: Exames Vestibulares. *Correio Braziliense*, Brasília, ed. 524, 16 jan. 1962, p.8.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Resolução nº 21, de maio de 1962*. Cria o Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico da Universidade de Brasília, 1962. Brasília: INEP, 1962, série CODI-UNIPER-m0345p1_OficiosResolucoesSolicitacoes_FormacaoUnB_1962, p.75-77.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy, TEIXEIRA, Anísio. *Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília, 1962. v.1.

UnB. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed.21.903, 29 ago. 1964. Flashes de Brasília, Caderno 1, p.9.

UnB REABRE CURSOS e recruta mestres no estrangeiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1966, ano 1966, ed. A22335, capa

UNB VAI DEMITIR 67 professores. *Correio Braziliense*, Brasília, ano 1968, ed.2658, 16 ago. 1968. Caderno 1, p.2.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Ata da primeira reunião da Comissão de Assessoria convocada pela reitoria da Universidade de Brasília, para analisar sugestões sobre o ensino de arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.* Brasília, 27 nov. 1967.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Instituto Central de Artes. *Relatório do Seminário de Revisão e Consolidação dos Planos de Ensino e Abertura do Projeto Cultural.* Brasília, 1968.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Diagnóstico do desenvolvimento da Universidade de Brasília*. Brasília, 1969.

XAVIER, Luiz Mário. *Depoimento sobre a formação na UnB*. Entrevistado por Amanda Casé. Brasília, 16 ago. 2019.